

Editorial



<https://doi.org/10.22228/rtf.v16i2.1318>

Se vivemos em uma era de incertezas, ou de certezas em demasia, 2023 começou e terminou sem nos oferecer a tão esperada luz no fim do túnel. Como se isso já não bastasse, a guerra entre Rússia e Ucrânia iniciada em fevereiro de 2022 ganhou a companhia de um novo-velho conflito armado no Oriente Médio. Ambos tombam corpos de forma indiscriminada a revelar que as lições do passado ainda não foram devidamente aprendidas e que muitas das soluções até então adotadas não mais surtem efeitos diante de uma nova geopolítica que traz para a mesa novos protagonistas que lutam contra os que outrora ocuparam esses lugares. Quem viver verá, embora se estabeleça desde já a sensação nítida de que as antigas estruturas imperiais exploratórias continuarão, mesmo que os fios que as movimentam passem a ser puxados por outras mãos igualmente sujas de sangue e fuligem.

E o ano de 2023 também chega ao fim com as notícias alarmantes a respeito da seca muito acima da média na região amazônica que continua ainda hoje a comprometer a economia local e a sobrevivência das populações ribeirinhas que dependem diretamente da pesca e das atividades a ela relacionadas. A mesma região amazônica que vê em seu interior o crescimento acelerado do desmatamento, da grilagem de terras, do narcotráfico e do assassinato de representantes dos povos originários e de seus defensores internos e externos. Situações graves aos olhos do mundo, mas que ainda parecem pouco capazes de sensibilizar os velhos e não tão velhos donos do poder que não precisam conviver com temperaturas que frequentemente ultrapassam os 40° de média. Para estes, entre combater o aquecimento global e comprar um aparelho de ar condicionado, a segunda opção parece ser a mais viável e rentável, mesmo que isso aponte para o estrangulamento do nosso sistema energético.

Paralelamente, as recentes e devastadoras enchentes na região sul do Brasil e na Líbia, no norte da África, assim como as fortes ondas de calor que varreram a Europa no verão passado com os seus milhares de mortos e feridos além de inúmeros desabrigados ajudam a formar o extenso rol de alertas que indicam que o clima no mundo está em transformação e que o meio-ambiente continua a reagir de maneira cada vez mais forte e imprevisível às intervenções humanas. Intervenções estas perigosamente naturalizadas ao longo dos últimos séculos em nome do progresso, da modernidade e dos lucros. Sem a menor sombra de dúvida, o corpo e a alma do sistema capitalista ultraliberal agora de

mãos dadas com o neofascismo que ganhou sobrevida com os resultados das recentes eleições na Argentina e na Holanda. Se os exemplos atuais nos servem de alerta, os do passado podem nos oferecer valiosas lições acerca de erros e acertos presentes na exploração descontrolada dos recursos naturais disponíveis e nas escolhas feitas por aqueles que exerciam o poder nos momentos nos quais os desafios foram postos, tópicos apontados com fartura de dados por Peter Frankopan em seu monumental (em todos os sentidos) *The Earth transformed: an untold history* (2023), um livro cuja leitura se torna urgente e necessária no atual contexto em que vivemos.

“Antropoceno”. Ainda que com algumas divergências pontuais, este é o termo usado com frequência pela comunidade científica para descrever a nova era na qual adentramos. Uma era em que a humanidade como um todo passou a ter condições de atuar como uma força geológica a promover mudanças ambientais drásticas, algo jamais visto na história de nosso planeta desde o aparecimento dos primeiros membros de nossa espécie. Isso pode ser observado na formação da “tecnosfera”, uma camada situada acima da litosfera e formada por tudo aquilo que é produzido pelos seres humanos, inclusive todo tipo de lixo que se acumula cada vez mais a produzir fenômenos como rochas compostas por fragmentos de plásticos que a natureza não foi e por séculos não será capaz de absorver. Como alertou David Wallace-Welss em seu igualmente urgente e necessário *A terra inabitável: uma história do futuro* (2019), o que nos espera pode ser muito pior do que temos hoje condições de imaginar. Uma vez mais: quem viver verá.

É com todas estas questões como pano de fundo assim com a defesa incondicional do direito à vida e a paz entre os povos que anunciamos a publicação do número 16 volume 2 da *Revista Territórios & Fronteiras* que traz em suas páginas o dossiê temático *Ter e poder: o domínio territorial régio na paisagem natural ibero-atlântica (1250-1550)* organizado pelos professores pesquisadores André Filipe Oliveira da Silva [CITCEM (Universidade do Porto) e CIDEHUS (Universidade de Évora)] e Tiago Alexandre Viúla de Faria [Instituto de Estudos Medievais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa)]. Nas páginas do supracitado dossiê, além da apresentação feita pelos organizadores, os leitores e as leitoras terão a oportunidade de encontrar e se debruçar sobre os trabalhos de Afonso Soares de Sousa, André Madruga Coelho, Igor Salomão Teixeira e do próprio André Filipe Oliveira da Silva. Os quatro docentes e pesquisadores de diferentes instituições brasileiras e internacionais que voltaram seus esforços para debater a temática do dossiê e pela primeira vez trazerem para a nossa revista a *História Ambiental* como abordagem central.

Assim como acontece há alguns anos nas edições de Territórios & Fronteiras, as pessoas que aceitarem o aqui e agora renovado convite de percorrer as páginas deste volume poderão ler um conjunto robusto de artigos livres. Diferentes autores-pesquisadores e autoras-pesquisadoras responsáveis pela escrita de textos que, em linhas gerais versam a respeito de assuntos relacionados à política, economia, sociedade, ensino e geografia de várias partes do Brasil e do mundo, desde a Idade Média à contemporaneidade, do ensino da História a temas de interesse regional e internacional como a imigração e questões agrárias. De forma objetiva, um leque amplo e variado de trabalhos que confirmam a pluralidade temática de Territórios & Fronteiras e sua capacidade histórica de se manter como um periódico de orientação interdisciplinar aberto ao diálogo com diferentes áreas do conhecimento humano. E isso tudo somente foi possível uma vez mais graças ao trabalho primoroso e incansável de nosso Conselho Editorial e das(os) pareceristas que analisaram os artigos submetidos no decorrer do último semestre. Aqui deixo novamente expressa a imensa gratidão pelo trabalho feito nos meses que precederam esta publicação.

Em tempos nos quais as ameaças das mudanças climáticas e das guerras se juntam às mais diferentes formas de negacionismo e autoritarismo, este novo volume de Territórios & Fronteiras igualmente vem a público tomado pela genuína esperança em dias melhores, algo imiscuído nas afirmações de muitos dos nossos e das nossas articulistas. E não custa repetir: que este desejo se faça com a devida estabilidade institucional e democrática, algo pelo qual muitos de nós lutamos ao longo dos últimos anos e que nos exigirá ainda mais resiliência para continuar a caminhada. Os eventos recentes na política internacional não nos deixam mentir.

Por fim, em nome de nosso Conselho Editorial e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGHIS-UFMT), na gestão dos professores Edvaldo Correa Sotana e Thaís Leão Vieira, agradeço a todas as pessoas que destinaram os seus textos para esta publicação. E é sempre importante lembrar: pessoas que dedicaram uma parte de seu tempo e de suas energias para manter esta revista de pé a funcionar com vistas à sua função primordial: a divulgação do conhecimento. Espero que apreciem os textos, que os leiam e os compartilhem com mais gente, dentro e fora das universidades, ou em outras bolhas, como no jargão atual. Ótimas leituras a todos e a todas.

Professor Dr. Carlile Lanzieri Júnior (UFMT – Vivarium)
Editor-chefe da Revista Territórios & Fronteiras